

Traduzido da edição em cinco volumes — *Sobrânie Khudójevstvennikh Proizviedênii v Piatí Tomákh* — da Editora da Academia de Ciências da URSS, Moscou, 1960.

*Copyright* © 1990 by Editora Civilização Brasileira S/A.

Desenho de capa: Tobias da Costa Jr., utilizando retrato do autor que se encontra no Museu Tretiakov, em Moscou.

ISBN: 85-200-0054-1

1990

---

Direitos de edição deste texto em língua portuguesa reservados por EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua Benjamim Constant, 142

20241 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: (021) 221-1132

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

## Víy\*

Mal soavam nas manhãs de Kiev as primeiras badaladas do sino bem sonoro, à entrada do Mosteiro Brátski, turmas de escolares e *bursaques*<sup>1</sup> já acorriam apressados dos quatro cantos da cidade. Gramáticos<sup>2</sup>, retóricos, filósofos e teólogos se dirigiam lentos para as salas de aula, com os cadernos debaixo dos braços. Os gramáticos eram ainda bem pouco numerosos; quando caminhavam, empurravam uns aos outros e se insultavam no mais fininho dos sopranos: andavam quase todos de roupa poída e manchada, os bolsos cheios de tudo quanto era bugiganga: ganizes, apitos feitos de bico de pena, sobras de bolo e às vezes até filhotes de pardal, que de repente quebravam o silêncio incomum da sala com um pio, fazendo o seu dono ganhar boas reguadas em ambas as mãos e às vezes até

---

\* Víy é uma criação colossal da imaginação popular. É o nome que os ucranianos dão ao rei dos gnomos, cujas pálpebras chegam ao chão. Toda essa estória é lenda popular. Por não querer submetê-la a qualquer modificação, narro-a quase com a mesma simplicidade com que a ouvi contar (N. do A.).

<sup>1</sup> Nesta novela Gógol usa o termo *bursa* para designar estudantes pobres que vivem em alojamentos, empregando o termo seminário para designar os mais bem situados, que vivem em apartamentos particulares. Para facilitar a leitura, preferi os termos *bursaque* e *seminarista*, pois correspondem exatamente à idéia do autor (N. do T.).

<sup>2</sup> Nos seminários eram chamados gramáticos os alunos do primeiro ano; em seguida vinham a turma de retórica, a de filosofia e a turma superior — a de teologia.

açoitamentos com varas de cerejeira. Os retóricos caminhavam com ar mais respeitável: tinham quase sempre as roupas inteiras, no entanto lavavam o rosto sempre marcado por algo que lembrava um tropo retórico: um olho subia bem ao meio da testa ou no lugar dos lábios aparecia uma bolha ou o indício de outra coisa qualquer; esses conversavam entre si e faziam juramentos em voz de tenor. Os filósofos chegavam a tirar uma oitava abaixo deles; em seus bolsos não havia nada, exceto grossas peles de fumo. Não faziam quaisquer reservas, e tudo o que encontravam iam logo comendo: fediam a cachimbo e vodca, e às vezes de tão longe que, quando um artesão passava por perto, parava e ainda ficava muito tempo cheirando o ar como um cão galgo. A essa hora, habitualmente, o mercado apenas começava a se movimentar, e vendedoras de pãezinhos, roscas, sementes de melancia e bolos recheados de semente de papoula agarravam pela ponta do casaco aqueles que usavam roupas de tecido fino ou algodão. “Olhem aqui, senhores! Olhem aqui! — investiam de todos os lados as vendedoras — olhem a rosca, o pãozinho com semente de papoula, o pãozinho, broas, tudo muito gostoso! Podem acreditar! Tudo gostoso, com mel! Eu mesma assei!” Outra levantava uma coisa comprida, feita de massa torcida, e gritava: “Olhem os caramelos! Senhores! Compre caramelos!” — “Não compre nada dessa aí: vejam como é horrível, que nariz feio, que mãos sujas...” Mas elas temiam os filósofos e os teólogos, porque os filósofos e os teólogos sempre gostavam só de provar e ainda por cima enchiam a mão. Ao chegar ao seminário toda a multidão se dividia em turmas, que se distribuía por salas bastante amplas porém de pouca altura, com pequenas janelas, portas largas e bancos sujos. De repente a sala era tomada de um vozerio denso; os auditores<sup>3</sup> ouviam as explicações dos seus alunos; o sonoro tiple do gramático se chocava justamente com o som do vidro colocado nas pequenas janelas, e o vidro respondia quase com o mesmo som; lá num canto buzi-

---

<sup>3</sup> Alunos das classes superiores, escolhidos e incumbidos de verificar os conhecimentos dos seus colegas.

nava um retórico dono de uma estatura e de uns lábios grossos que deviam pertencer pelo menos à filosofia. Buzinava em grave e de longe apenas se ouvia: bu, bu, bu, bu... Os auditores, ouvindo a lição, olhavam com um olho para debaixo do banco, onde um pãozinho, um *varênique* ou semente de abóbora apareciam no bolso de um *bursaque*, seu subordinado. Quando toda essa sábia multidão conseguia chegar um pouco mais cedo ou sabiam que os professores iam chegar mais tarde que o habitual, então, com a anuência de todos, inventavam uma batalha, e dessa batalha todos deviam participar, inclusive os censores, que tinham a obrigação de zelar pela ordem e a moral de toda a camada estudantil. Dois teólogos habitualmente resolviam como se daria a batalha: se cada turma devia se defender isoladamente ou se todos deviam se dividir em dois grupos iguais: *bursaques* e seminaristas. Em todo caso, a gramática era a primeira a entrar em ação, mas ia logo caindo fora e tomando posição nos pontos de observação tão logo a retórica interferia. Depois entrava a filosofia, com seus bigodes compridos e negros, e finalmente a teologia com suas terríveis bombachas e seus pescoços supergrosos. Sempre terminavam com a teologia batendo em todo mundo, enquanto a filosofia coçava os lados, era fustigada a entrar na sala e se sentava nos bancos para descansar. Ao entrar na sala onde a turma participara do combate, o professor, outrora participante de semelhantes batalhas, reconhecia, em um segundo, pelos rostos vermelhos dos seus alunos, que a batalha não tinha sido nada má; enquanto ele castigava os dedos da retórica com cipoadas, em outra turma outro professor esquentava à palmatória as mãos da filosofia. Com os retóricos a coisa era bem diferente: segundo expressão do professor de retórica, os retóricos seriam agraciados de acordo com um razoável castigo, o que se traduzia em pequenas batidas com chicote de couro.

Nos dias de festa os seminaristas e os *bursaques* saíam de casa em casa representando *vertiêps*<sup>4</sup>. Às vezes encenavam

---

<sup>4</sup> *Vertiêp* — teatro de bonecos ambulante, difundido na Antiguidade, que representava peças de fundo religioso e profano (N. do T.).

uma comédia, e neste caso sempre se destacava algum teólogo quase da altura do campanário de Kiev, representando a Herodiade ou a Pentefria<sup>5</sup>, esposa de um cortesão egípcio. Como recompensa recebiam um pedaço de tecido, um saco de milho, metade de um ganso cozido ou outras coisas. Toda essa gente sábia, tanto seminaristas como *bursaques*, que alimentavam uns pelos outros certa aversão hereditária, era extremamente desprovida de meios de subsistência e ainda por cima demasiado comilona; de sorte que era absolutamente impossível calcular quantas *galuchkas* cada um deles devorava no jantar; por isso as doações feitas de boa vontade pelos proprietários ricos não podiam ser suficientes. Então o senado, composto por filósofos e teólogos, mandava gramáticos e retóricos saírem de saco nas costas devastando as hortas alheias, comandados por um filósofo: às vezes o próprio senado se juntava a eles. E então aparecia quibebe entre os *bursaques*. Os senadores enchiam tanto a pança com melancia e melão que no dia seguinte os auditores ouviam duas aulas deles ao invés de uma: uma aula saía da boca, outra roncava na barriga do senador. Os *bursaques* e os seminaristas usavam certas sobrecasacas, que se estendiam até abaixo dos calcanhares.

O acontecimento mais festivo para o seminário eram as férias, temporada que começava em junho, momento em que os *bursaques* costumavam sair para as suas casas. Então todas as estradas principais ficavam cheias de gramáticos, filósofos e teólogos. Quem não tinha lar ia para a casa de algum dos colegas. Os filósofos e teólogos se dirigiam para a *condição*<sup>6</sup>, isto é, passavam a dar aulas ou preparar filhos de gente rica, pelo que ganhavam botas novas e às vezes até o suficiente para comprar uma sobrecasaca. Toda essa tropa se estendia junta, formando um verdadeiro acampamento; fazia mingau para comer e dormia no campo. Cada um levava um saco com

<sup>5</sup> Herodiade, Pentefria — heroína de dramas escritos em tema bíblico: essas dramas eram frequentemente encenados por alunos de seminários.

<sup>6</sup> Lugar provisório em que fica o professor a domicílio.

Gógol emprega a palavra russificada *konditsia*, que significa *condição* (N. do T.).

uma camisa e um par de polainas. Os teólogos eram especialmente econômicos e cuidadosos: para não gastar as botinas tiravam-nas dos pés, penduravam-nas num pau e as carregavam nas costas, especialmente quando havia lama. E então, com as bombachas arregaçadas até os joelhos, pulverizavam destemidamente os charcos com os pés. Mal avistavam uma granja, deixavam imediatamente a estrada e, após se aproximarem da casa mais vistosa entre as demais, faziam uma fila junto à janela e começavam a entoar um cântico a plenos pulmões. O dono da casa, algum velho camponês cossaco, debruçava-se na janela e ficava a ouvi-los demoradamente, depois chorava aos soluços muito amargurado e dizia à sua mulher: “Mulher! O que os escolares estão cantando deve ser muito sensato; traga para eles toucinho ou alguma coisa que tiver por aí!” E uma bacia cheinha de *varêniques* se despejava no saco. Um bom pedaço de toucinho, algumas broas e às vezes até uma galinha amarrada entravam juntos. Reforçados com essa reserva, gramáticos, retóricos, filósofos e teólogos retomavam o caminho. Quanto mais caminhavam, tanto mais diminuía o grupo. Quase todos se dispersavam pelas casas, restando aqueles que tinham os ninhos paternos mais adiante.

Certa vez, durante uma dessas peregrinações, três *bursques* se desviaram da estrada principal com a finalidade de se abastecerem de provisões na primeira casa que encontrassem, porque o saco que levavam há muito se esvaziara. Eram eles: o teólogo Khaliava, o filósofo Khomá Brut e o retórico Tibéri Górobiets. O teólogo era um homem alto, espadaúdo, e tinha um costume muitíssimo estranho: tudo que aparecia à sua volta roubava infalivelmente. Em outros momentos, era de temperamento por demais sombrio e, quando se embriagava, escondia-se no meio do matagal, onde o seminário tinha muita dificuldade de encontrá-lo. O filósofo Khomá Brut era de costumes alegres. Gostava muito de ficar deitado e fumar cachimbo. Se bebia, contratava sem falta músicos e sapatava o *trepak*. Provava freqüentemente o castigo de ajoelhar no milho, mas com absoluta indiferença filosófica, dizendo que o que tem de acontecer acaba acontecendo. O retórico Tibéri Górobiets ainda não tinha o direito de usar bigodes, beber vodca e fumar cachimbo. Usava apenas um topete, e por isso

seu temperamento até então ainda estava pouco evoluído; mas, a julgar pelos grandes galos na testa, com que freqüentemente aparecia na sala de aula, dava para supor que seria um bom guerreiro. O teólogo Khaliava e o filósofo Khomá o puxavam freqüentemente pelo topete em sinal de proteção e o usavam na qualidade de deputado.

Já era noitinha quando eles se desviaram da estrada principal. O sol acabara de se pôr, e o calor do dia ainda continuava no ar. O teólogo e o filósofo caminhavam calados, fumando cachimbo; o retórico Tibéri Górobiets quebrava com um pau as cabeças dos cardos que brotavam dos lados da estrada. A estrada se estendia entre grupos dispersos de carvalhos e noqueiras que cobriam o Prado. Declives e montes, verdes e redondos como cúpulas, demarcavam vez por outra a planície. Um trigal de cachos maduros que aparecia em dois lugares dava a entender que alguma aldeia estava prestes a surgir. Porém já fazia mais de uma hora que haviam passado pelos trigais e no entanto nenhuma casa aparecia. A sombra crepuscular já turvara completamente o céu, e apenas no ocidente empalidecia um resto de esplendor vermelho.

— Que diabo é isso! — disse o filósofo Khomá Brut — tive a absoluta impressão de que estava quase aparecendo uma granja.

O teólogo ficou calado, olhou ao redor, depois tornou a meter o cachimbo na boca e continuou a andar.

— Francamente! — tornou a falar o filósofo, parando. — Não se enxerga um palmo adiante do nariz.

— Quem sabe se mais adiante não aparecerá alguma granja — disse o teólogo, sem largar o cachimbo.

Mas agora já era noite, e uma noite bastante escura. Algumas nuvens aumentavam a escuridão e, a julgar por todos os indícios, não se deviam esperar nem estrelas, nem lua. Os *bursaques* perceberam que se haviam perdido e há muito caminhavam fora do caminho.

O filósofo, após tatear com os pés por todos os lados, perguntou finalmente com voz entrecortada: “Onde está o caminho?” O teólogo ficou calado e, após refletir, acrescentou: “É, a noite está escura.” O retórico afastara-se para um lado e procurava agachado tatear o caminho, mas as suas mãos en-

contravam apenas tocas lisas. Tudo ao redor era estepe, por onde aparentemente ninguém passava. Os viajantes ainda tentavam caminhar um pouco mais, porém o ermo era total. O filósofo tentou chamar os outros, mas naquelas redondezas sua voz soou completamente rouca e não obteve qualquer resposta. Só depois de algum tempo, ouviu-se um fraco gemido, parecido com o uivo de um lobo.

— Estão vendo, o que é que vamos fazer aqui? — falou o filósofo.

— E daí? vamos ficar e pernoitar no campo! — disse o teólogo e meteu a mão no bolso à procura da pedra-de-fogo para tornar a acender o cachimbo. Mas o filósofo não podia concordar com isso. Ele tinha sempre o costume de guardar para a noite um pedaço de meia arroba de pão e umas quatro libras de toucinho e desta vez sentia no estômago uma solidão insuportável. Além disso, o filósofo tinha algum medo de lobo apesar de ser uma pessoa de costumes alegres.

— Não, Khaliava, não podemos — disse ele. — Como é que a gente vai se estirar como um cachorro para dormir sem reforçar o estômago? Vamos tentar mais um pouco; talvez a gente consiga achar alguma casa e beber pelo menos um copinho de vodca para dormir.

Ao ouvir a palavra vodca, o teólogo cuspiu para um lado e disse: “De fato, esse negócio de ficar no campo não dá.” Os *bursaques* seguiram adiante e, para a sua enorme alegria, ouviram a distância um latido. Após perceberem de que lado vinha, saíram animados naquela direção e depois de caminharem um pouco avistaram uma luzinha. “Uma fazenda! É mesmo, uma fazenda!” — disse o filósofo. As suposições não o enganaram: ao cabo de algum tempo eles viram mesmo uma pequena fazenda, composta de apenas duas casas situadas no mesmo pátio. A luz iluminava as janelas. Uns dez pés de ameixa apareciam numa cerca. Olhando para uma porteira de tábuas cruzadas, os *bursaques* viram o pátio coberto de carretas. Nesse instante, estrelas brilharam em algum ponto do céu.

— Olhe aí, pessoal, nada de desistir! Vamos tentar a qualquer custo passar a noite!

Os três homens de ciência bateram todos juntos na porteira e gritaram:



— Abram!

Uma porta rangiu numa das casas e, segundos depois, os *bursaques* viram diante de si uma velha metida num *tulup* de cordeiro.

— Quem é? — gritou ela, tossindo abafado.

— Deixe a gente pernoitar, vovozinha. A gente se perdeu. Passar a noite no mato é tão ruim como ficar de barriga vazia.

— E que gente são vocês?

— Uma gente inofensiva: o teólogo Khaliava, o filósofo Brut e o retórico Górobiets.

— Não pode — resmungou a velha —, estou com o pátio cheio de gente, e todos os cantos da casa estão tomados. Onde eu vou enfiá-los? E ainda por cima vocês são uma gente alta e corpulenta! Minha casa vai até desabar se eu botar gente desse tamanho pra dentro. Eu sei que filósofos e teólogos são esses. Se a gente começa a receber esses beberrões logo fica até sem pátio. Vamos caindo fora! Vão embora! Aqui não há lugar pra vocês.

— Tenha piedade, vovozinha! Como pode deixar que cristãos desapareçam sem quê nem mais? Acomode a gente onde quiser. Se algum de nós fizer qualquer coisa anormal, alguma coisa errada, queremos que nos sequem os braços, que nos venham castigos de que só Deus sabe.

A velha pareceu se abrandar um pouco.

— Está bem — disse ela, como se refletisse —, vou deixá-los entrar; só que vou colocá-los em lugares diferentes, pois não ficarei tranqüila se vocês ficarem juntos.

— Como a senhora quiser, não vamos objetar nada — responderam os *bursaques*.

A porteira rangiu e eles entraram no pátio.

— Vovozinha — disse o filósofo, seguindo atrás da velha —, e se... como se costuma dizer... pra falar a verdade, é como se alguém estivesse passando de carroça na minha barriga. Se ao menos eu tivesse botado uma migalha na boca desde o amanhecer!

— Veja o que está querendo! — disse a velha. — Não tenho, não tenho nada de comer, e o forno não foi aceso hoje.

— Mas nós — continuou o filósofo —, amanhã nós pa-

garíamos bem e em dinheiro vivo por tudo isso. É!... — continuou ele com seu botões — a gente não vai arranjar nem o diabo!

— Vão entrando, vão entrando! E se contentem com o que lhes dão. Coisa do diabo trazer senhores tão finos!

O filósofo Khomá caiu em absoluto desânimo após ouvir essas palavras. Mas de repente seu nariz sentiu o cheiro de peixe dessecado. Olhou para as bombachas do teólogo que seguia ao seu lado e notou que do seu bolso apontava um enorme rabo de peixe. O teólogo já conseguira afanar da carreta um cará inteirinho. E uma vez que ele fazia tal coisa, não por cobiça mas unicamente por costume, e já completamente esquecido de seu cará, procurava com os olhos alguma outra coisa para furtar, sem a intenção de deixar escapar nem uma roda quebrada, então o filósofo Khomá meteu-lhe a mão no bolso como se fosse o seu e arrancou o cará. — A velha acomodou os *bursaques*: pôs o retórico dentro de casa, trancou o teólogo num subsolo vazio, reservando ao filósofo um chiqueiro de ovelhas também vazio.

Já a sós, o filósofo comeu num segundo o cará, observou a cerca do chiqueiro, chutou o focinho de um porco curioso que acordava na pocilga contígua e virou-se para o outro lado, a fim de adormecer como um morto. De repente, a porteiirinha abriu-se, e a velha entrou inclinada na pocilga.

— O que foi, vovó, o que é que você quer? — disse o filósofo. — Mas a velha caminhou justamente na direção dele, de braços abertos.

— Eh-eh! — pensou o filósofo — Ah, essa não, minha querida! Tá velha demais. Distanciou-se um pouco, mas a velha, sem cerimônia, tornou a caminhar em sua direção.

— Escute aqui, vovó! — disse o filósofo — Agora estamos em abstinência: e eu sou daqueles que nem por mil moedas de ouro quebram a abstinência.

Mas a velha abria os braços e o agarrava, sem dizer uma palavra.

O filósofo ficou apavorado sobretudo quando percebeu que os olhos dela cintilavam com um brilho esquisito. “Vovó! O que é que você tem? Vá com Deus!” — gritou ele. Mas a velha não disse uma palavra e agarrou-lhe as mãos.

Pôs-se de pé com um salto, com a intenção de correr, mas a velha se postou junto à porteira e fixou nele os olhos cintilantes, começando mais uma vez a avançar na sua direção.

O filósofo quis empurrá-la, mas para a sua surpresa percebeu que não conseguia levantar os braços, que as pernas não se moviam, e viu aterrorizado que não lhe soava a voz: as palavras morriam surdas em seus lábios. Ouvia apenas o bater do seu coração; viu como a velha se aproximou, cruzou-lhe as mãos sobre o peito, baixou-lhe a cabeça, saltou-lhe nas costas com a rapidez de um gato, deu-lhe uma vassourada dum lado, e ele, pulando como um cavalo de sela, saiu a carregá-la nos ombros. Tudo isso aconteceu tão rapidamente que o filósofo mal pôde voltar a si e agarrar-se aos joelhos com as duas mãos, na intenção de segurar as pernas; mas, para a sua grande surpresa, elas se levantaram contra a vontade e deram um galope mais rápido que um cavalo circassiano<sup>7</sup>. Quando já haviam passado a granja, e diante deles se descortinara um vale plano com um bosque negro como carvão se estendendo ao lado, só então ele disse para si mesmo: “Eh-eh, essa é uma bruxa.”

A lua nova observava do céu. O acanhado brilho da meia-noite, como um lençol transparente, estendia-se suavemente e vaporava pelo chão. Céu, bosques, prados, vales — tudo dava a impressão de dormir de olhos abertos. Soprasse ao menos alguma brisa! No frescor da noite havia algo de úmido e morno. As sombras das árvores e dos arbustos, semelhantes a cometas, caíam como nesgas pontiagudas sobre a campina inclinada. Assim estava a noite na ocasião em que o filósofo Khomá Brut galopava com aquela esquisita amazona nas costas. — Ele sentia que uma estranha sensação de fadiga, contrariedade e ao mesmo tempo de doçura lhe oprimia o coração. Baixou bem a cabeça e viu que a relva, antes quase lhe roçando os pés, agora parecia crescida em profundidade e distância e coberta por uma água transparente como uma fonte de mon-

<sup>7</sup> Da Circássia — região famosa por excelentes raças de cavalos corredores (N. do T.).

tanha, e a relva parecia o fundo de algum mar límpido e transparente até as profundezas; pelo menos via claramente como ali se refletiam ele e a vela que levava nas costas. Via, em vez da Lua, um estranho Sol brilhando lá embaixo; ouvia sinos azuis badalando, inclinando suas copas. Via uma sereia emergindo das agrósteas, com a espádua e o dorso deslizando, leve e saliente, toda feita de esplendor e tremor. Ela se volta para ele — e lá está o seu rosto com os olhos claros, flamejantes, penetrantes, invadindo-lhe a alma com seu canto, já se aproximando dele, já na superfície e, estremecendo com um sorriso fulgurante, afastando-se — e ei-la reboleando-se de costas para o fundo, os seios plúmbeos, opacos como porcelana ao natural, com seus contornos alvos, de suave elasticidade, transluzindo ao sol. E a água os salpica em forma de bolhinhas parecidas com miçangas. Ela se agita toda dentro d'água e ri...

Estará ele vendo isto! Será isto realidade ou sonho? E o que é aquilo lá embaixo? Brisa ou música: soa, soa e se ondu-la, e se aproxima e se enfia na alma como um gorjeio estranho, insuportável.

“Que será isso?” — pensava o filósofo Khomá Brut, olhando para baixo, galopando a toda pressa. O suor lhe caía aos borbotões. Experimentava uma sensação diabolicamente doce, sentia algum prazer pungente, algum prazer exaustivamente terrível. Vinha-lhe de quando em quando a sensação de que já não tinha coração e, apavorado, se precipitava em apalpá-lo. Exausto, desconcertado, começou a evocar todas as orações que sabia. Recordou um por um todos os exorcismos e de repente sentiu certo alívio; sentia que seus passos começavam a ficar mais frouxos, que a bruxa se relaxara um pouco nas suas costas. A densa relva o tocava, e ele já não via nela nada de extraordinário. A lua nova iluminava o céu.

— Que bom! — pensou consigo o filósofo Khomá e começou quase em voz alta a dizer exorcismos. Por fim sacudiu a velha de suas costas com a rapidez de um raio e por sua vez montou-se nela. Com um passo curto e dividido, a velha saiu correndo com tanta rapidez que o cavaleiro mal pôde tomar fôlego. A terra tremeluzia levemente em baixo deles. Tudo era claridade ao luar, embora a claridade não fosse completa. Os vales eram planos mas devido à velocidade se entremostavam

vagos e confusos diante dos seus olhos. Agarrou uma acha que encontrou no caminho e começou a bater com toda a força na velha. Ela passou a dar gritos terríveis: a princípio eram rai-vosos e ameaçadores, depois se tornaram mais fracos, mais agradáveis, mais nítidos, em seguida baixinhos, mal ecoando, como o badalar de finas campainhas de prata, e lhe invadiram a alma; e uma idéia lhe veio involuntariamente à cabeça: será que essa é mesmo a velha? “Oh, não posso mais!” — pronunciou ela, desfalecendo, e caiu. Ele se pôs de pé e lhe fitou os olhos: a alvorada resplandeceu e brilharam ao longe as cúpulas douradas das igrejas de Kíev. Tinha diante de si uma bela mulher, com uma linda trança desfeita, de cílios longos como flechas. Sem sentidos, jogou os braços nus e alvos para ambos os lados e gemeu, erguendo os olhos cheios de lágrimas. Khomá tremeu como vara verde: sentiu-se tomado de uma piedade, uma estranha ansiedade e timidez que nunca experimentara; e se pôs a correr em disparada. Seu coração batia intranquilo pelo caminho e não havia como entender que espécie de sensação estranha e nova o envolvia. Não queria mais ir à fazenda e tomou às pressas o caminho de Kíev, refletindo durante toda a caminhada sobre essa esquisita ocorrência. Quase não havia ninguém dos *bursaques* na cidade: todos andavam pelas fazendas, pelas *condições* ou simplesmente sem quaisquer *condições*, porque pelas fazendas ucranianas podiam comer *galuchkas*, queijo, creme de leite e *varêniques* do tamanho de um chapéu sem gastar um centavo. A grande casa em ruínas, onde se hospedavam os *bursaques*, estava completamente vazia, e, por mais que o filósofo remexesse todos os cantos e apalpasse todos os buracos e alçapões do telhado, não encontrou em parte alguma nem um pedaço de toucinho ou pelo menos pão seco que os *bursaques* costumavam esconder. No entanto, o filósofo logo arranjou um jeito de remediar a sua desgraça: passou umas três vezes pelo mercado, assobian-do, bem no fim piscou para uma viúva jovem, de turbante amarelo, que vendia fitas, munições e anéis — e no mesmo dia foi alimentado a *varêniques* de trigo, galinha... em suma, é impossível enumerar o que encontrou na mesa que lhe foi posta numa casinha de barro, no meio de um cerejal. Na noite do mesmo dia, viram o filósofo numa taberna: deitado num banco,

fumava como de costume o seu cachimbo e perante todos atirou uma moeda de ouro de cinqüenta copeques ao judeu taberneiro. Havia uma roda de pessoas em volta dele. Ele olhava com um olhar frio e satisfeito para os que chegavam e saíam e já nem pensava mais naquele acontecimento fora do comum.

Enquanto isso, em todos os cantos, corriam rumores de que a filha de um dos mais ricos chefes de esquadrão de cossacos, cuja fazenda ficava a cinqüenta quilômetros de Kíev, um dia voltara toda arreventada de um passeio, mal encontrando forças para chegar à casa do pai; estava à morte e, ante a hora de morrer, manifestara o desejo de ter seus últimos sacramentos e as orações dos três dias após a morte celebrados por um seminarista de Kíev: Khomá Brut. Isto o filósofo soube do próprio reitor, que para tanto o chamou à sua sala e disse que ele se pusesse a caminho sem qualquer demora, que o eminente chefe de esquadrão de cossacos havia mandado homens e transporte para levá-lo.

O filósofo estremeceu, movido por uma sensação que nem ele podia entender. Um sombrio pressentimento lhe dizia que algo de mau o esperava. Sem saber o porquê, disse sem rodeios que não ia.

— Olhe aqui, *dominus*\* Khomá! — disse o reitor (em alguns casos ele se explicava muito cortesmente com os seus subordinados) — diabo nenhum está lhe perguntando se quer ou não quer ir. Só uma coisa eu lhe digo: se você ainda se meter a rosnar e filosofar, vou mandar lhe aplicar nas costas e noutra lugarzinho uma tamanha surra com galhos de bétula verde que depois você nem vai mais precisar ir ao banho\*.

O filósofo saiu sem dizer uma palavra, coçando-se levemente atrás da orelha, disposto a aproveitar o primeiro momento favorável para depositar esperança nas suas pernas. Mergulhado em meditações, desceu a escada íngreme que dava

---

\* Em latim, no original russo (N. do T.).

\* O banho russo é um autêntico ritual: a pessoa fica nua na sala de banho, ao calor do vapor produzido pela água fervida, leva boas cipoadas de galhos de bétula, após o que sai, joga-se na neve, espoja-se e retorna ao banho (N. do T.).

para um pátio arborizado de álamos e deteve-se um momento, ao ouvir com bastante nitidez a voz do reitor, que dava ordens ao seu despenseiro e a mais alguém, na certa um dos homens que o chefe de esquadrão de cossacos mandara para levá-lo.

— Agradeçam ao senhor pelo trigo e os ovos — dizia o reitor —, e digam que lhe mandarei os livros que pede assim que estiverem prontos. Já mandei o escrevente copiá-los. Sim, meu caro, não esqueça de lhe acrescentar que na fazenda deles, segundo eu sei, há um bom peixe, especialmente o esturjão, e que havendo oportunidade me mande: o peixe das barracas daqui é ruim e caro. Quanto a você, Iávtukh, dê uma taça de vodca aos rapazes. E amarrem o filósofo, senão ele acaba fugindo.

“Ah, filho dos diabos! — pensou consigo o filósofo — farejou, não é, abutre pernalta!”

Acabou de descer e viu uma carroça, que a princípio ia tomando por um paiol de trigo sobre rodas. De fato, ela era tão funda como um forno de cozer tijolos. Era um simples coche cracoviano, desses em que os judeus andam às dezenas junto com suas mercadorias a todas as cidades onde seus narizes farejam feira. Uns seis cossacos fortes e corpulentos, em idade já um tanto avançada, esperavam o filósofo. Suas vestes longas de tecido fino com borlas mostravam que eles pertenciam a um amo bastante importante e rico. Pequenas cicatrizes indicavam que em alguma época haviam participado de guerra, e com alguma façanha.

“O que é que eu posso fazer? O que tem de acontecer acontece mesmo!” — pensou consigo o filósofo e, dirigindo-se aos cossacos, disse em voz alta:

— Bom dia, irmãos-camaradas!

— Saúde, senhor filósofo! — responderam alguns deles.

— Bem, quer dizer que eu tenho de ir junto com os senhores? Essa carroça é magnífica! — continuou ele, subindo.  
— Aqui é só contratar músicos que dá até pra dançar.

— É, é uma carruagem adequada! — disse um dos cossacos, sentando-se na boléia junto com o cocheiro que enrolava a cabeça com um trapo, substituindo o gorro de pele que já conseguira penhorar na taberna. Os outros cinco entraram

com o filósofo e se sentaram no fundo da carroça, sobre sacos cheios de toda sorte de compras feitas na cidade.

— Seria curioso saber — disse o filósofo — quantos cavalos seriam necessários, por exemplo, se se carregasse essa carroça com alguma mercadoria como sal ou aros de ferro.

— Pois é — disse o cossaco que se sentara na boléia, após uma pausa —, seria preciso um adequado de cavalos. Depois dessa resposta satisfatória o cossaco se achou no direito de passar toda a viagem calado.

O filósofo estava extremamente interessado em maiores detalhes: quem era esse chefe de esquadrão de cossacos, que costumes tinha, o que se sabia de sua filha que regressara à casa de maneira tão estranha, estava à morte e cuja história, agora, se relacionava com a sua própria história, como viviam os cossacos e que faziam na casa do chefe de esquadrão. Fazia perguntas aos cossacos, mas estes na certa também eram filósofos, porque respondiam às perguntas calados e fumando cachimbo, deitados nos sacos. Só um deles se dirigiu ao cocheiro da boléia, dando-lhe uma ordem breve: “Ovierko, veja lá, seu velho bobo: quando você estiver se aproximando daquela taberna da estrada de Tchukhráilovsk, não se esqueça de parar e acordar a mim e aos outros rapazes, se alguém adormecer.” Ditas essas palavras, ele adormeceu roncando bastante. Aliás essas instruções foram absolutamente desnecessárias, porque mal a gigantesca carroça começou a se aproximar da taberna da estrada de Tchukhráilovsk, todos gritaram numa só voz: “Pare!” Além do mais os cavalos de Ovierko já estavam tão treinados que paravam sozinhos diante de tudo quanto era taberna. Apesar daquele calor de julho, todos desceram da carroça, dirigiram-se a uma saleta baixinha e suja, onde um judeu taberneiro correu alegre ao encontro dos seus velhos conhecidos. O judeu trouxe debaixo da camisa vários salames de carne de porco e colocou-os na mesa, afastando-se imediatamente dessa carne proibida pelo Talmude. Todos se sentaram à mesa. Uma caneca de barro apareceu diante de cada hóspede. O filósofo Khomá devia participar dessa pândega geral. E como os ucranianos quando bebem começam sempre a trocar beijos ou a chorar, não tardou para que o beija-beija to-



masse conta de toda a isbá. “Vem cá, Spírid, vamos trocar umas beijocas!” — “Vem cá, Dóroch, vou te dar um abraço!”

Um cossaco, o mais velho de todos, de bigodes brancos e com a mão no rosto, começou a se esvaír em prantos, dizendo que não tinha pai nem mãe e ficara sozinho, sozinho no mundo. Outro gostava muito de raciocionar e não parava de consolar o amigo, dizendo: “Não chore, por favor, não chore! O que é que está havendo... sabe Deus o que é isso.” Um deles, chamado Dóroch, ficou extremamente curioso e, voltado para o filósofo Khomá, perguntava sem parar:

— Eu gostaria de saber o que vocês *bursaques* estudam: o mesmo que o sacristão lê na igreja ou alguma coisa diferente?

— Não pergunte! — dizia em voz arrastada o que gostava de racionar — deixe que ele fique como antes. Deus sabe disso; Deus sabe de tudo.

— Não, eu quero saber — dizia Dóroch —, quero saber o que está escrito naqueles livros. Talvez não seja nada do que tem no livro do sacristão.

— Ah, meu Deus, meu Deus! — dizia o respeitável mentor — para dizer uma coisa dessa? Foi assim que quis a vontade de Deus. Se Deus assim quis, não se pode mudar.

— Eu quero saber de tudo o que está escrito. E vou entrar para o seminário, juro que vou! O que é que você tá pensando, que eu não vou aprender? — Vou aprender tudo, tudinho!

— Ah, meu Deus, meu Deus!... — dizia o consolador deitando a cabeça na mesa por não estar absolutamente em condições de mantê-la mais tempo no pescoço. Os outros cossacos falavam sobre os *pans*<sup>9</sup> e sobre o porquê de a Lua brilhar no céu.

Vendo em que estado estavam aquelas cabeças, o filósofo Khomá resolveu se aproveitar e dar o fora. Dirigiu-se inicial-

---

<sup>9</sup> A palavra *pan*, de origem polonesa, significa fazendeiro, nobre e senhor em relação aos servos na Ucrânia e Bielo-Rússia czaristas. Significa ainda senhor, como forma de tratamento (N. do T.).

mente a um cossaco de cabelos grisalhos, que falava com tristeza do pai e da mãe.

— Por que é que o senhor está se esvaindo em pranto, meu tio? — disse ele — eu mesmo sou órfão! — Deixe-me ir embora, pessoal! Pra que é que eu sirvo para vocês?

— Vamos deixar ele ir embora! — responderam alguns. — Já que ele é órfão. Que vá para onde quiser.

— Ah, meu Deus, meu Deus! — disse o consolador, levantando a cabeça. — Deixem ele ir embora! Que siga o seu caminho!

E os próprios cossacos já queriam deixá-lo ganhar o mato. Mas o que tinha demonstrado curiosidade deteve-os, dizendo: “Não toquem nele: quero conversar com ele sobre o seminário. Eu mesmo vou para o seminário...” Aliás essa fuga dificilmente se realizará, porque, quando o filósofo pensou em se levantar da mesa, as suas pernas pareceram feitas de madeira, e as portas da taberna lhe deram a impressão de serem tantas que era pouco provável ele encontrar a verdadeira.

Só à noitinha toda essa turma se lembrou de que precisava continuar a viagem. Subiram apinhados à carroça e se estenderam, açoitando os cavalos e cantando uma canção cuja letra e sentido alguém dificilmente decifraria. Depois de passar mais da metade da noite dando voltas, perdendo constantemente um caminho que conheciam como a palma da mão, eles desceram finalmente uma abrupta colina e tomaram um vale, e o filósofo notou uma paliçada ou sebe de árvores baixas, com telhados aparecendo atrás dela. Era a grande aldeia pertencente ao chefe de esquadrão de cossacos. Há muito passava da meia-noite; o céu estava escuro e pequenas estrelas cintilavam aqui e ali. Não se via luz acesa em nenhuma casa. Entraram no pátio, acompanhados do latidos dos cães. De ambos os lados notavam-se casinholas e galpões, cobertos de palha. Uma delas, situada exatamente no meio das outras e de frente à porteira, era a maior de todas e, ao que parecia, servia de residência do chefe de esquadrão. A carroça parou diante de um pequeno arremedo de galpão, e os nossos viajantes foram dormir. Mas o filósofo queria ver um pouco como era por fora a mansão do *pan*; porém, por mais que arregalasse os olhos, nada conseguia divisar em sentido claro; ao invés da casa ti-

nha a impressão de ver um urso; a chaminé se transformou no reitor. O filósofo sacudiu a mão e foi dormir.

Quando o filósofo acordou, toda a casa estava em movimento: a filha do *pan* morrera à noite. Os criados corriam para diante e para trás. Algumas velhas choravam. Um grupo de curiosos olhava pela cerca para a casa do *pan* como se fosse possível ver alguma coisa. No tempo disponível, o filósofo começou a examinar os lugares que não pudera ver durante a noite. A casa do *pan* era de tipo baixo e pequeno, daquelas que antigamente se costumavam levantar na Ucrânia. Era coberta de palha. A fachada pequena, aguda e alta, com uma janelinha parecida com um olho fitando o alto, era toda pintada de cores azul e amarela, com crescentes vermelhos. Fora montada sobre colunetas de carvalho, com a metade superior arredondada e a inferior hexagonal, requintadamente torneados na parte de cima. Embaixo dessa fachada havia um pequeno alpendre com bancos de ambos os lados. As laterais da casa eram montadas sobre as mesmas colunetas, com entalhes em alguns lugares. Uma pereira alta de copa piramidal balançava seus galhos verdes diante da casa. Vários silos formavam no meio do pátio uma espécie de rua larga que dava para a casa. Atrás dos silos, bem juntos das porteiras, duas adegas, também cobertas de palha, erguiam-se frente a frente em triângulos. Na parede triangular de cada um deles havia uma portinha baixa e várias figuras pintadas. Numa delas aparecia a figura de um cossaco sentado numa barrica e com uma caneca na cabeça, com os seguintes inscrições: "Vou beber tudo." Noutra, garrações, garrafas, e dos lados, para questão de enfeite, um cavalo de pernas pro ar, um cachimbo, pandeiros e a inscrição: "Vinho — um folgado cossaco." Pela enorme clarabóia do desvão de um dos galpões apareciam um tambor e trombetas de cobre. Dois canhões se postavam junto à entrada. Tudo indicava que o dono da casa gostava de se divertir e que a algazarra das festanças enchia freqüentemente o pátio. Do outro lado do portão havia dois moinhos de vento. Atrás da casa se estendiam os jardins, e por entre as copas das árvores se avistavam apenas as cúpulas negras das chaminés das casas que se ocultavam no verde cerrado. Todo o povoado ficava na base larga e plana de uma colina. Do lado norte uma abrupta

montanha cobria tudo, e seu sopé terminava bem junto do pátio. Vista de baixo, ela parecia ainda mais abrupta, e em seus elevados cumes hastes tortas de ervas daninhas finas furavam negros o céu claro aqui e ali. Nua, seu aspecto argiloso infundia certo desânimo. Estava toda rasgada por sulcos e regos provocados pela chuva. Em dois lugares de uma pendente íngreme apareciam duas casinhas; sobre uma delas se estendiam os galhos de uma grande macieira, sustentada no tronco por pequenas escoras. Derrubadas pelo vento, as maçãs rolavam exatamente para o pátio do *pan*. Lá de cima uma estrada ziguezagueava por toda a montanha e, após descer, passava junto ao pátio em direção à aldeia. Quando o filósofo mediu o terrível declive da montanha e se lembrou da viagem da véspera, achou que ou o *pan* tinha cavalos demasiado inteligentes ou os cossacos tinham a cabeça boa demais para não rolar a montanha abaixo juntos com a imensa carroça e a bagagem. O filósofo estava postado no lugar mais alto do pátio e, quando se voltou e olhou para o lado oposto, defrontou-se com uma vista completamente distinta. A aldeia e o declive desciam juntos para a planície. Vastos prados se descortinavam num espaço longínquo; sua relva clara escurecia à medida que se distanciava, e povoados enfileirados azulavam ao longe, embora ficassem a mais de vinte *verstas* de distância. À direita desses prados estendiam-se algumas colinas e mais além Dniépr ardia e escurecia como uma faixa levemente visível. “Eh, beleza de lugar! — disse o filósofo. Aqui sim dava para viver, pescar no Dniépr e nas lagoas, caçar sisão e galinhola à rede e espingarda! Aliás eu acho que nesses prados há muita abetarda. Dá pra secar muita fruta e vender na cidade ou, o que é melhor ainda, destilar delas vodca, porque vodca de frutas não pode ser comparada com nenhum vinho forte de trigo. Além disso não faz nenhum mal pensar em cair fora daqui.” Percebeu atrás do tapume um caminho completamente coberto de ervas daninhas crescidas. Pôs maquinalmente o pé sobre ele, com apenas a intenção de inicialmente caminhar um pouco e depois sair devagarinho entre as casas e ganhar o campo, mas de repente sentiu a mão bastante pesada de alguém pousando em seu ombro.

Atrás dele estava o mesmo cossaco velho que na véspera se mostrara tão amargamente lastimoso com a morte do pai e da mãe e com a sua solidão.

— Não adianta pensar em se mandar da fazenda, *pan* filósofo! — dizia ele. — Isso aqui não é lugar de onde se possa fugir. Além disso, os caminhos são ruins para quem vai a pé; o melhor é ir ver o *pan*. Há muito tempo ele está à sua espera na sala de visitas.

— Vamos lá! Por que não... Para mim é um prazer — disse o filósofo e saiu atrás do cossaco.

O chefe de esquadrão, já velho, de bigodes brancos e com uma expressão de lúgubre tristeza, estava sentado à mesa do saguão com o rosto apoiado sobre as duas mãos. Beirava a casa dos cinqüenta; mas o profundo desânimo que se estampava em seu rosto e uma cor pálida-tênue mostrava que sua alma tinha sido arrasada e destruída de repente, em um instante, desaparecendo para sempre toda a alegria e a vida turbulenta de antes. Quando Khomá entrou acompanhado do velho cossaco, ele tirou uma das mãos do rosto e fez uma leve reverência aos dois.

Khomá e o cossaco permaneceram junto à porta em sinal de respeito.

— Quem é você, de onde vem e qual o seu título, boa alma? — perguntou o chefe de esquadrão, nem carinhoso, nem severo.

— Venho dos *bursaques*, sou o filósofo Khomá Brut.

— E quem foi seu pai?

— Não sei, digníssimo *pan*.

— E sua mãe?

— Também sei. Pelo bom senso eu naturalmente tive mãe; mas quem era ela, de onde e quando viveu — pode crer, meu benfeitor, não sei.

O chefe de esquadrão calou-se e pareceu ficar um minuto refletindo.

— E como você conheceu minha filha?

— Não a conheci, digníssimo *pan*, juro que não a conheci. Nunca tive qualquer caso com senhoritas desde que me entendo de gente. O diabo me leve, para não dizer coisa mais grosseira.

— Então por que é que ela recomendou justamente você e não outro para rezar por ela?

O filósofo deu de ombros:

— Só Deus sabe como interpretar tal coisa. Já é fato conhecido que os *pans* vez por outra querem coisas que nem o mais arguto dos homens consegue entender; e é por isso que o provérbio diz: “Faz por onde anda o que teu senhor manda!”

— Será que você não está mentindo, *pan* filósofo?

— Quero que um raio me parta nesse mesmo lugar se eu estiver mentindo.

— Ah! Se tu tivesses vivido pelo menos mais um minuto — disse com tristeza o chefe de esquadrão —, eu na certa ficaria sabendo de tudo. “Não deixe ninguém dizer orações por mim, papai, mande alguém agora mesmo ao seminário de Kíev buscar o *bursaque* Khomá Brut. Que reze três noites pela minha alma pecadora. Ele sabe...” É o que ele sabe já não deu para ouvir. Ela, minha pombinha, só pôde dizer isso e morreu. Você, alma boa, na certa é famoso por sua vida de santo e seus atos de misericórdia, ela talvez tenha ouvido falar muito de você.

— Quem? Eu? — disse o *bursaque*, dando alguns passos para trás de tão admirado — Eu levando vida de santo? — disse ele, olhando bem nos olhos do chefe de esquadrão. — Deus o guarde, *pan*! De onde é que o senhor foi tirar essa história! Eu, embora seja indecente dizer, dormi com a mulher do padeiro em plena quinta-feira santa.

— Bem... certamente isso não foi determinado por acaso. Hoje mesmo você deve começar o seu trabalho.

— Quanto a isso eu diria à Sua Senhoria... bem, isso é coisa que qualquer pessoa versada na Escritura Sagrada pode fazer satisfatoriamente... só que eu acho que nesse caso seria mais adequado chamar um diácono ou pelo menos um sacristão. São gente eficiente que já sabe como se faz tudo isso; enquanto que eu... Aliás eu não tenho nem voz pra isso e eu mesmo... só o diabo sabe. Sou um zé-ninguém.

— Faça como quiser, só que eu vou cumprir tudo o que a minha filha me pediu, sem poupar nada. E, quando você, a partir de hoje, completar devidamente as três noites rezan-

do por ela, eu lhe darei uma recompensa; do contrário... não aconselho nem o próprio diabo a me irritar.

O chefe de esquadrão pronunciou as últimas palavras com tanta veemência que o filósofo entendeu perfeitamente o seu sentido.

— Vamos comigo! — disse ele.

Entraram no vestíbulo. O chefe de esquadrão abriu a porta de outro vestíbulo, que ficava defronte ao primeiro. O filósofo se deteve um pouco no vestíbulo para assoar o nariz e foi com um medo inexplicável que cruzou a porta. Todo o chão estava forrado por uma seda vermelha. Num canto, sob algumas imagens, estava o corpo da morta estirado numa mesa alta, envolto num lençol de veludo azul, enfeitado por uma franja dourada e cachos. Velas de cera compridas e entoscadas ardião aos pés e à cabeça, derramando uma luz confusa que se perdia na claridade do dia. O rosto da morta estava oculto do filósofo pelo pai inconsolável, que se sentara diante dela de costas para a porta. O filósofo ficou impressionado com as palavras que ouvia:

“O que lamento, minha adorada filha, não é que tu, na flor da idade, sem viver os anos que devia, me deixes o mundo para a minha tristeza e a minha dor. O que eu lamento, meu amorzinho, é não conhecer esse meu inimigo jurado, o causador da tua morte. Se eu conhecesse alguém capaz de pensar ao menos em te ofender ou sequer dizer alguma coisa má a teu respeito, juro por Deus que ele não voltaria a ver os filhos, se é que fosse tão velho quanto eu; nem o seu pai e a sua mãe, se ainda é moço, e seu corpo seria jogado na estepe para ser comido pelas aves e os bichos de lá. Mas a minha desgraça, minha calêndula, minha codorniz, minha flor, é que vou passar o resto da minha vida sem distrações, enxugando com um lenço as lágrimas miúdas que rolam dos meus olhos velhos, enquanto meu inimigo se diverte e zomba em segredo do velho ancião.” Ele se calou, movido pela dor dilacerante que transbordava numa verdadeira torrente de lágrimas.

O filósofo estava comovido com tão inconsolável tristeza. Pigarreou e fez um ruído seco, procurando limpar um pouco a sua voz.

O chefe de esquadrão olhou para trás e lhe indicou um

lugar à cabeça da morta, diante de uma pequena estante com livros.

“Três noites eu dou um jeito de agüentar — pensou o filósofo —, em compensação, o *pan* vai me encher os bolsos de moedas de ouro puro.” Aproximou-se e após pigarrear mais uma vez pôs-se a ler, sem desviar de modo algum a atenção nem se decidindo a olhar para o rosto da morta. Reinou um profundo silêncio. Ele percebeu que o chefe de esquadrão tinha saído. Voltou lentamente a cabeça a fim de olhar para a morta e...

O tremor lhe correu pelas veias: diante dele estava uma linda jovem, dessas que a terra jamais vira. Parecia que os contornos de um rosto nunca tinham formado uma beleza tão penetrante e ao mesmo tempo harmoniosa. Ela estava ali deitada parecendo viva. A fronte bela, suave, como a neve, como a prata, parecia pensar; os supercílios — uma noite por entre um dia ensolarado, finos, iguais, erguiam-se orgulhosos sobre os olhos cerrados, enquanto os cílios, caindo como flechas sobre as faces, ardiam no fogo dos desejos ocultos; os lábios — de rubi, prontos para sorrir... Mas neles, nesses mesmos contornos, ele notou algo terrivelmente penetrante. Sentia que sua alma começava de certo modo a gemer de dor, como se de repente alguém cantasse uma canção sobre um povo oprimido em meio a uma tempestade de alegria numa roda exaltada. A cor rubi dos lábios dava a impressão de que eles sorriam sangue do próprio coração. De repente, algo de terrivelmente conhecido se lhe estampou no rosto. “A bruxa!” — exclamou ele com voz estranha; desviou o olhar, empalideceu todo e se pôs a rezar as suas orações; era a mesma bruxa que ele havia matado.

Quando o Sol começou a se pôr levaram a morta para a igreja. O filósofo apoiava em seu ombro o negro caixão de defunto e sentia no ombro algo frio como gelo. O chefe de esquadrão ia na frente, apoiando na mão o lado direito da apertada morada da morta. A igreja de madeira, enegrecida, pintada de verde-musgo, com três cúpulas coniformes, postava-se melancólica quase no extremo do povoado. Via-se que há muito ali não se celebrava qualquer cerimônia religiosa. Havia velas acesas diante de quase todas as imagens. Colocaram o caixão



no meio, ao pé do altar. O velho chefe de esquadrão beijou mais uma vez a morta, inclinou a cabeça e saiu junto com os carregadores do caixão, ordenando alimentar bem o filósofo e acompanhá-lo à igreja depois do jantar. Chegando à cozinha, todos os que conduziram o caixão começaram a levar a mão ao forno como costumam fazer os ucranianos após ver gente morta.

A fome que então o filósofo começava a sentir obrigou-o por alguns minutos a esquecer completamente a morta. Pouco depois todos os servos começaram a ir pouco a pouco à cozinha. A cozinha da casa do *pan* tinha alguma semelhança com um clube, onde confluía tudo o que habitava o pátio, incluindo os cães, que vinham balançando o rabo até a porta à procura de ossos e sobras. Se alguém era enviado a algum lugar, não importa o motivo, sempre ia antes à cozinha para descansar ao menos um minuto no banco e fumar cachimbo. Todos os solteiros da casa, que ostentavam sobrecasacas cossacas, passavam ali quase o dia todo deitados no banco, debaixo do banco, no forno, em suma, em qualquer lugar que oferecesse comodidade para se deitar. Além do mais, todo mundo sempre esquecia na cozinha o gorro de pele, o chicote para cães alheios ou algo semelhante. Porém a reunião mais numerosa era a da hora do jantar, ocasião em que vinham o pastor dos cavalos, depois de metê-los no curral, o vaqueiro, que trazia as vacas para o estábulo, e todos aqueles que não se podiam ver durante o dia. Durante o jantar a prosa tomava conta até das bocas mais caladas. Nessa ocasião falava-se habitualmente de tudo: de quem havia mandado fazer novas bombachas, do que havia dentro da terra, de quem havia visto um lobo. Ali havia uma infinidade de bon-motistas<sup>10</sup>, que não faltam entre os ucranianos.

O filósofo sentou-se junto com os outros numa vasta roda ao ar livre, à porta da cozinha. Pouco depois uma mulher de touca vermelha apareceu na porta, segurando com as mãos

---

<sup>10</sup> Do francês *bon mot* — dito espirituoso.

uma panela quente cheia de *galuchkas*, e colocou-a no meio dos que se preparavam para jantar. Cada um tirou do bolso sua colher de madeira, outros, por falta, um fósforo. Tão longo as bocas começaram a se mover mais lentamente e a fome de lobo de toda essa reunião abrandou um pouco, muitos começaram a falar. A conversa, naturalmente, deveria girar em torno da morta.

— Será verdade — perguntou um jovem pastor de ovelhas, que havia posto tanto botão e chapinha de cobre na bandeira do cachimbo que parecia o balcão de um pequeno comerciante —, será verdade que a senhorita, Deus me perdoe, tinha parte com o espírito mau?

— Quem? A senhorita? — disse Dóroch, já conhecido do nosso filósofo — Ela era uma tremenda bruxa! Sou capaz até de jurar que era uma bruxa!

— Chega, Dóroch, chega! — disse o outro, que durante a viagem mostrou-se muito disposto a consolar. — Nós não temos nada com isso; Deus que tome conta. Isso não é coisa que se faça. — Mas Dóroch não estava com a mínima disposição de ficar calado. Antes do jantar acabara de ir à adega ver alguma coisa junto com o despenseiro e lá se inclinara umas duas vezes sobre duas ou três barricas, saindo mais do que alegre, e agora falava sem parar.

— O que é que você quer? Que eu cale a boca? — disse ele. — Ora, em mim mesmo ela andou escanchada. Podes crer, andou.

— Meu tio — disse o jovem pastor cheio de botões —, será que a gente pode identificar um bruxa por algum indício?

— Não, não pode — respondeu Dóroch. — Não dá mesmo para identificar; pode ler todos os *Livros de Salmos* que não consegue identificar.

— Pode-se, Dóroch, pode-se. Não diga isso — disse o consolador. — Não foi por acaso que Deus deu a cada um um costume particular. Os homens que sabem de ciência dizem que a bruxa tem um pequeno rabo.

— Quando a mulher é velha vira bruxa — disse friamente o cossaco de cabelos grisalhos.

— Vocês também são bons! — retrucou uma velha, que

nesse momento despejava *galuchkas* frescas numa panela — uns verdadeiros porcos gordos.

O velho cossaco, cujo nome era Iávtukh mas tinha o apelido de Kovtun, esboçou em seus lábios um sorriso de satisfação, percebendo que as suas palavras haviam atingido em cheio a velha; o vaqueiro deu uma gargalhada tão forte que pareceu dois touros mugindo simultaneamente um contra o outro.

A conversa iniciada despertou a irresistível vontade e a curiosidade do filósofo em saber maiores detalhes sobre a falecida filha do chefe de esquadrão. E por desejar voltar ao assunto, dirigiu-se ao seu vizinho com essas palavras:

— Eu queria perguntar por que é que todo esse pessoal que está aqui jantando acha que a senhorita era um bruxa. Será que ela fez mal a alguém ou arruinou alguma pessoa?

— Houve de tudo — respondeu um dos presentes, de rosto plano, extremamente parecido com uma pá.

— E quem não se lembra do perreiro Mikita ou daquele...

— E quem era o perreiro Mikita? — perguntou o filósofo.

— Espere! Eu vou falar sobre o perreiro Mikita — disse Dóroch.

— Eu vou falar sobre Mikita — respondeu o vaqueiro —, porque ele era meu compadre.

— Eu vou falar sobre Mikita — disse Spíridov.

— Deixem que Spíridov fale, deixem! — gritou a multidão.

Spíridov começou:

— Você, *pan* filósofo, não conheceu Mikita: eh, que homem raro foi aquele! Chegava a conhecer cada cachorro como conhecia o próprio pai. O atual perreiro Mikola, o terceiro que está sentado atrás de mim, não chega o nariz nem onde ele chegava os pés. Embora ele também entenda do assunto, comparado com Mikita é uma porcaria, um lixo.

— Você está contando bem, bem mesmo! — disse Dóroch, fazendo com a cabeça um sinal de aprovação.

Spíridov continuou:

— Avistava um coelho com mais rapidez que se limpa o rapé do nariz. Às vezes gritava: “Vamos lá, Bandoleiro! Va-

mos lá, Veloz!” — e ele mesmo saía a cavalo em disparada — e já não se podia dizer quem ultrapassava quem: ele ao cachorro ou o cachorro a ele. Bebia uma quarta de vodka de um só gole e nem pestanejava. Era um sujeito fabuloso, o perreiro! Só que de certo tempo para cá começou a não tirar os olhos de cima da filha do *pan*. Estava mesmo enrabiado por ela ou ela já o tinha enfeitado tanto, o fato é que acabou-se o homem, virou efeminado; tornou-se o diabo sabe o que; fu! é até indecente dizer.

— Está bem — disse Dóroch,

— Às vezes era só a senhorita olhar para ele, ia logo perdendo as estribeiras. Chamava Bandoleiro de Brovko, tropeçava e não sabia o que fazia. Uma vez a senhorita foi à cocheira, onde ele limpava um cavalo. Mikita, diz ela, deixe eu pôr a perna em cima de você. E ele, idiota, ficou até alegre: não só a perna, diz ele, pode até montar em mim. A senhorita levantou a perna, e, quando ele viu aquela perna nua, gorda e alva, disse que ficou dominado pelo feitiço. Ele, bobo, baixou as costas e, após agarrar com ambos os braços aquelas pernas nuas, saiu galopando campo afora como um cavalo, e, fossem para onde fossem, não era capaz de dizer nada; acontece que voltou só vivo e desde então ficou todo seco como um palito; e, quando uma vez foram à cocheira, no lugar dele encontraram apenas um punhado de cinza num balde vazio: ardeu até virar pó; e ardeu por si mesmo. Mas era um perreiro que o mundo todo não conhece igual.

Quando Spírid terminou sua história, de todos os lados começaram os comentários dos méritos do ex-perreiro.

— E sobre Cheptchikha, nunca ouviu nada? — perguntou Dóroch, dirigindo-se a Khomá.

— Não.

— Eh-ch! Pelo visto o que vocês *bursaques* aprendem não é lá grande coisa. Bem, ouça: nós temos na aldeia o cossaco Cheptun. É um bom cossaco! Às vezes gosta de roubar e mentir sem qualquer necessidade. Mas... é um bom cossaco. A casinhola dele não fica lá muito longe daqui. Numa hora exatamente como essa em que nos sentamos para cear, Cheptun e a mulher acabavam de cear e se deitavam para dormir, e, como fazia bom tempo, a mulher deitou-se no pátio e

Cheptun\* num banco, dentro de casa; não: a mulher se deitou no banco dentro de casa e Cheptun no pátio...

— E não foi num banco mas no chão que Cheptchikha se deitou — redargüiu a velha postada á porta, com o rosto apoiado sobre a mão.

Dóroch olhou para ela, depois olhou para o chão, tornou a olhar para ela e, após breve pausa, disse: “Quando eu te tirar a anágua na presença de todos não vai ficar nada bem.” Essa advertência surtiu seu efeito. A velha calou a boca e não interrompeu mais a conversa.

— Num berço, pendurado no meio da casa, havia uma criança de um ano — não sei se do sexo masculino ou feminino. Já deitada, Cheptchikha ouviu um cão arranhando a porta e uivando de tal modo que dava até vontade de correr de casa. Ela ficou assustada: porque as mulheres são uma gente tão boba que basta que lhe estirem a língua de detrás da porta à noite para elas ficarem com o coração na mão. Mas ela pensa; bem, vou dar no focinho desse maldito cachorro, quem sabe se não deixa de uivar — e pegou uma pá, saindo para abrir a porta. Mal ela teve tempo de abrir levemente a porta o cachorro se meteu por baixo de suas pernas e correu diretamente para o berço. Cheptchikha vê que já não é o cachorro mas a senhorita. Bem, fosse lá a senhorita do jeito que ela a conhecia ainda não seria nada; mas eis a coisa e a circunstância: estava toda roxa, e os olhos ardendo como brasa. Agarrou a criança, mordeu-lhe a garganta e começou a lhe beber o sangue. Cheptchikha conseguiu apenas soltar um grito — e tome de correr para fora. Mas vê que a porta do vestíbulo está fechada. Corre para o sótão: senta-se e fica tremendo, a boba, e depois vê a senhorita caminhando para o sótão, em sua direção; atira-se contra ela e começa a morder a idiota. Já pela manhã Cheptun retirou de lá a sua mulher, toda roxa. E no dia seguinte a boba mulher acabava morrendo. Vejam só os

---

\* Cheptun — cochichador; mexeriqueiro, delator; Cheptchikha, feminino destes substantivos (N. do T.).

feitiços e as coisas que acontecem! Não importa que ela seja sangue do *pan*, porque quem é bruxa é bruxa mesmo.

Depois dessa história, Dóroch olhou vaidoso para os lados e enfiou o dedo no cachimbo, preparando-o para enchê-lo de fumo. A matéria sobre bruxas se tornou inesgotável. Cada um procurava por sua vez contar alguma coisa: uma bruxa que chegava à porta de uma casa disfarçada dum monte de feno; que roubava o gorro ou o cachimbo de outro; que cortava as tranças de muitas moças na aldeia; que bebia vários baldes de sangue de outros.

Finalmente todo o pessoal voltou a si e percebeu que já havia tagarelado fora da conta, porque a noite já campeava absoluta. Todos começaram a se dispersar para as suas dormidas, que ficavam na cozinha, nos galpões ou no pátio.

— Bem, *pan* Khomá! Já é hora da gente também ir pra junto da morta — disse o cossaco de cabelos grisalhos, dirigindo-se ao filósofo, e todos os quatro, inclusive Spírid e Dóroch, saíram para a igreja, chicoteando pela rua a enorme quantidade de cachorros que, enfurecidos, lhes mordiam os cabos dos chicotes. O filósofo, apesar de ter tido tempo para se reforçar com uma boa caneca de vodca, sentia dentro de si que o medo ia chegando à medida que se aproximavam da igreja iluminada. As narrações e as estranhas histórias que ouvira davam ainda mais expansão à sua imaginação. A escuridão sob a estacada e as árvores começava a rarear; o local ia ficando descampado. Passaram finalmente a velha cerca da igreja e penetraram num pequeno pátio, além do qual não havia uma árvore e se descortinava um campo aberto para prados envoltos na escuridão da noite. Os três cossacos subiram com Khomá a escada íngreme do alpendre e entraram na igreja. Aqui eles deixaram o filósofo, desejando-lhe feliz cumprimento da obrigação, e fecharam a porta, por ordem do *pan*.

O filósofo ficou só. A princípio deu uma bocejada, depois uma espreguiçada, soprou ambas as mãos e finalmente olhou ao redor. No meio estava o ataúde negro. Velas ardiavam frouxas ante imagens escuras. Sua luz iluminava apenas o iconostase e levemente o meio da igreja. Os cantos distantes do átrio estavam cobertos pela escuridão. O antigo e alto iconostase já demonstrava profunda deterioração; os entalhes que o

cobriam, revestidos de ouro, ainda soltavam algumas centelhas. O dourado caíra num lugar, noutra escurecera por completo; totalmente enegrecidos, os rostos dos santos olhavam com certo ar sombrio. O filósofo tornou a olhar ao redor. “Ora, o que é que se pode temer aqui? — disse ele. — Gente não pode entrar e contra os mortos e vivos do outro mundo eu tenho umas orações que é só eu ler que eles não me tocam, nem com o dedo. Não há de ser nada! — repetiu, sacudindo a mão — Vamos à leitura.” Chegando-se ao coro, viu alguns rolos de vela. “Isso é bom — pensou ele. — É preciso iluminar toda a igreja de forma a que se possa enxergar como de dia. Ah! Que pena não se pode fumar cachimbo na casa de Deus!” E começou a colar velas de cera em todas as cornijas, facistóis e ao pé das imagens, sem poupá-las o mínimo, e num instante toda a igreja se encheu de luz. Só de cima o escuro pareceu tornar-se mais forte, e as sombrias imagens passaram a olhar mais sombrias das velhas molduras talhadas, onde aqui e ali brilhava o dourado. Ele se aproximou do ataúde, olhou com timidez para o rosto da morta e não pôde deixar de franzir o cenho estremecendo um pouco:

— Que beleza terrível, resplandescente!

Deu meia volta e quis afastar-se; mas, por uma estranha curiosidade, por um estranho sentido que contraria, que não abandona o homem especialmente nas horas de pavor, ele, ao se afastar, não se conteve e olhou para ela, tornando a olhar mais uma vez ao sentir o mesmo tremor. De fato, a acentuada beleza da morta parecia terrível. Talvez ela não chegasse a infundir tão horripilante pavor se fosse um pouco feia. Mas nos seus traços nada havia de opaco, de turvo, de morto. Eram vivos, e para o filósofo era como se ela o fitasse de olhos fechados. Chegou inclusive a ter a impressão de que uma lágrima rolara de sob os cílios do olho direito dela e, quando parou na face, ele distinguiu claramente que era uma gota de sangue.

Afastou-se às pressas para o coro, abriu o livro e, a fim de ganhar mais ânimo, começou a ler na voz mais alta possível. Sua voz tocou as paredes de madeira da igreja, há muito silenciosas e surdas. Sem eco, entretanto, ele se desmanchava num baixo denso, num silêncio completamente supulcral, o que lhe parecia tenebroso. “Temer o quê? — ia ele pensando

consigo mesmo. — Ora, ela não vai se levantar do seu caixão porque teme a palavra de Deus. Que permaneça deitada! Alias, que cossaco sou eu, se tenho medo! Bem, é que bebi demais — e é por isso que parece terrível. Vou cheirar um tabaquinho: eh, tabaco bom! Isso é que é tabaco! Beleza de tabaco!” No entanto, ao folhear página por página, olhou de esguelha para o caixão e uma estranha sensação pareceu lhe segredar: está levanta-não-levanta! Quase soerguendo-se, a ponto de olhar do caixão!

Mas o silêncio era sepulcral. O ataúde permanecia imóvel. As velas derramavam verdadeira torrente de luz. É terrível uma igreja iluminada à noite, com um cadáver e sem uma só alma viva.

A voz se elevou, ele começou a cantar em vozes diferentes, tentando com isso abafar os resquícios de medo. Mas a cada instante dirigia seu olhar para o caixão, como se fizesse involuntariamente a pergunta: “E se ela se erguer, se levantar?”

Mas o caixão não se mexia. Se pelo menos um som qualquer, algum ser vivo ou mesmo um grilo aparecesse num canto... Ouvia-se apenas o leve arder de alguma vela distante ou o som fraco, quase surdo, de uma gota de cera que caía no chão.

— “E se ela se levantar?...”

Ela levantou a cabeça...

Ele olhou aterrorizado e limpou os olhos. Mas ela já não está mais deitada, está sentada em seu caixão. Ele desvia o olhar e tomado de pavor torna a olhar para o caixão. Ela se levantou... anda pela igreja de olhos fechados, estirando sem cessar os braços como se quisesse agarrar alguém.

Caminha exatamente na direção dele. Aterrorizado, ele traçou um círculo ao seu redor. Começou a muito custo a ler orações e proferir exorcismos que aprendera com um frade que passara toda a vida vendo bruxas e espíritos maus.

Ela se postou quase na linha do círculo; via-se porém que não tinha forças para ultrapassá-lo; ficou toda roxa como quem já morreu há vários dias. Khomá não teve coragem de fitá-la. Ela estava terrível. Batia os dentes e tinha aberto os olhos mortos. Porém, sem nada ver, como uma fúria que seu rosto trêmulo expressava, virou-se noutra direção e, de braços abertos, saiu agarrando tudo quanto era pilar e canto, tentando pegar



Khomá. Por fim parou, ameaçou com o dedo e deitou-se no seu caixão.

O filósofo ainda não conseguira voltar a si e, apavorado, olhava para aquela morada apertada da bruxa. Finalmente o caixão se despregou de repente do seu lugar e aos assobios começou a voar por toda a igreja, cortando o espaço em todas as direções. O filósofo o viu quase sobre sua cabeça, mas percebeu ao mesmo tempo que ele não conseguia enganchá-lo ao círculo por ele traçado e aumentou seus exorcismos. O caixão despencou no meio da igreja e ficou imóvel. O cadáver tornou a se levantar, roxo, esverdeado. Mas nesse momento ouviu-se o grito distante de um galo. O cadáver baixou ao caixão e a tampa bateu.

O coração do filósofo batia, e o suor rolava aos borbotões; contudo, animado pelo grito do galo, concluiu com mais rapidez a leitura das páginas que devia ter lido antes. Aos primeiros raios de sol chegaram para substituí-lo o sacristão e o grisalho lávtukh, que desta vez desempenhava as funções de zelador da igreja.

Chegando ao lugar distante onde dormira, o filósofo ficou muito tempo sem conseguir adormecer, mas o cansaço se impôs e ele dormiu até a hora do almoço. Quando despertou, todos os acontecimentos da noite lhe pareceram um sonho. Deram-lhe um quarto de vodca para reanimar as forças. Durante o almoço soltou-se cedo, fez algumas observações e comeu quase sozinho um porco bastante velho; entretanto, movido por uma vaga sensação, não ousava falar do que lhe acontecera na igreja, e às perguntas dos curiosos respondia: “É, houve maravilhas de toda espécie.” O filósofo era daquele tipo de pessoas que, se lhes dão de comer, despertam para uma filantropia fora do comum. Deitado de cachimbo na boca, ele olhava para todos com raros olhos doces e cuspiam sem cessar para um lado.

Depois do almoço o filósofo esteve em perfeito estado de ânimo. Conseguiu percorrer toda a aldeia, travar conhecimento com quase todo mundo; chegaram inclusive a botá-lo pra fora de duas casas; uma bela mocinha esquentou-lhe as costas com boas pazadas, quando ele tentou apalpar e verificar de que material eram feitas a combinação e a saia dela. Porém, quan-

to mais a noite se aproximava, mais pensativo ficava o filósofo. Uma hora antes do jantar, quase todo o pessoal da casa se preparava para jogar o *krugli*, um tipo de boliche em que ao invés das bolas se usam cacetes compridos e o vencedor tem o direito de dar um passeio montado no perdedor. Esse jogo se tornava muito interessante para os espectadores: o vaqueiro, largo como uma proa, montava freqüentemente no pastor de porcos, magricela, baixotinho, constituído apenas de rugas. Em outras ocasiões, o vaqueiro preparava as costas, e Dóroch pulava em cima, sempre dizendo: “Eh, touro forte!” Na porta da cozinha ficavam os mais respeitáveis. Fumando seus cachimbos, olhavam com extrema seriedade mesmo quando os jovens se deleitavam com algum dito engraçado do vaqueiro ou de Spírid. Era em vão que Khomá tentava participar desse jogo: algum pensamento sombrio se metera em sua cabeça como um prego. Por mais que tentasse se alegrar durante a ceia, o medo lhe ardia no íntimo junto com a escuridão que se espalhava pelo céu.

— Bem, *pan bursaque*, já estamos na hora! — disse o conhecido cossaco de cabelos grisalhos, levantando-se junto ao Dóroch — Vamos ao trabalho.

Como da primeira vez, tornaram a levar Khomá à igreja; tornaram a deixá-lo só e a fechar a porta. Mal ficou só, o medo começou novamente a invadir o seu coração. Tornou a ver as imagens escuras, as molduras brilhantes e o conhecido caixão preto, estirado em temível silêncio e imobilidade no meio da igreja.

— Bem — disse ele —, para mim essa beleza já não tem nada de extraordinário. Ela é terrível só da primeira vez. É! Só da primeira vez ela é um pouco terrível, depois já não é mais; ela já não tem nada de terrível.

Subiu apressado ao coro, traçou um círculo ao seu redor, proferiu alguns exorcismos e começou a ler em voz alta, resolvendo não tirar os olhos do livro nem dar atenção a nada. Já estava lendo há quase uma hora e começava a ficar um pouco cansado e a pigarrear. Tirou do bolso a tabaqueira e, antes de levar o tabaco ao nariz, dirigiu timidamente o olhar para o caixão. Seu coração gelou.

O cadáver já estava à sua frente, em plena linha do círcu-

lo, fixando contra ele os olhos mortos, esverdeados. O *bursa-*que estremeceu e um frio correu sensível por todas as suas veias. Afundando os olhos no livro, passou a ler mais alto as suas orações e exorcismos e ouviu que o cadáver castanholava novamente os dentes e começava a mover os braços na tentativa de agarrá-lo. Porém, olhou com o rabo do olho e viu que a morta procurava apanhá-lo não no lugar em que ele estava e, como se via, não podia vê-lo. Começou ela a dar rosnados surdos, passando a proferir com os lábios mortos palavras horripilantes; elas soluçavam roucas como o borbulhar de resina fervendo. O que elas significavam era coisa que ele não podia dizer, mas algo terrível encerravam. Tomado de pavor o filósofo compreendeu que ela dizia maldições. Com essas palavras o vento correu pela igreja e ouviu-se um ruído que parecia ser de uma infinidade de asas em vôo. Ouvia as asas batendo nos vidros das janelas da igreja e nos caixilhos de ferro, o rangido agudo das unhas arranhando o ferro e uma força incalculável arremetendo contra a porta e procurando forçá-la. O coração dele batia forte o tempo todo; de olhos franzidos, lia sem cessar exorcismos e orações. Finalmente algo assobiou ao longe; era o grito longínquo do galo. Exausto, o filósofo parou e descansou o espírito.

O pessoal que veio substituí-lo encontrou-o só, vivo. De costas apoiadas na parede e olhos esbugalhados, olhava imóvel para os cossacos que o cutucavam. Quase o carregaram, devendo apoiá-lo durante todo o caminho. Chegando à casa do *pan*, ele se sacudiu e ordenou que lhe dessem um quarto de vodca. Após bebê-la, correu a mão pelos cabelos e disse: “O mundo está cheio de tudo quanto é porcaria. Mas horrores desse tipo acontecem — bem...” Aqui o filósofo abanou a mão.

A roda que se juntou em torno dele baixou a cabeça após ouvir essas palavras. Até um pequeno garoto, que todos os servos se achavam no direito de autorizar para substituí-los quando se tratava de limpar a cocheira ou carregar água, até esse pobre garoto ficou de boca aberta.

Nesse momento passava ao lado uma mulher de idade ainda não muito avançada, metida num avental bem apertado que lhe ressaltava a figura arredondada e saliente, ajudante da velha cozinheira, coquete inveterada, que sempre en-

contrava algo para prender à sua touca, ora um pedaço de fita, ora um cravo ou mesmo um papel, caso não houvesse alguma outra coisa.

— Olá, Khomá!, disse ela ao ver o filósofo. — Ai, ai, ai! O que é que você têm? — exclamou ela, juntando as mãos.

— O que eu poderia ter, mulher boba?

— Ah, meu Deus! Você está com a cabeça branquinha.

— Eh-eh! É mesmo, ela tem razão! — disse Spírid, olhando atento para ele. — Você está mesmo de cabeça branca como o nosso velho Iávukh.

Ao ouvir essas palavras, o filósofo correu apressado para a cozinha, onde viu um pedaço triangular de espelho sujo de moscas pregado na parede, diante do qual havia miosótis, erva-donzela e até mesmo uma grinalda, mostrando que ele era usado pela embonecada coquete para fazer sua toailete. Mas foi apavorado que constatou a veracidade das palavras dela: a metade dos seus cabelos estava realmente branca.

Khomá Brut baixou a cabeça e caiu em reflexão. “Vou ao *pan* — disse finalmente —, como tudo e explico que não quero mais ler. Que ele me mande nesse instante para Kíev.” Com esses pensamentos rumou para sala de visitas da casa do *pan*.

O chefe do esquadrão estava sentado na sua sala, quase imóvel; a mesma tristeza desesperada que o filósofo vira antes em seu rosto continuava até agora. Suas faces estavam bem mais caídas que antes. Notava-se que estava consumindo muito pouca comida ou talvez não a estivesse tocando absolutamente. Uma palidez incomum lhe dava certa imobilidade petrificada.

— Bom dia, pobre homem — disse ele, ao ver Khomá parado no meio da porta de gorro na mão. — E então, como lhe vão as coisas? Tudo bem?

— Que vão bem, vão. Só que está havendo tanta diabrura que o negócio é ir pegando o chapéu e caindo fora.

— Como assim?

— A sua filha, *pan*. É claro que pelo bom senso ela é da estirpe do *pan*; isso é coisa que ninguém discute; só que, não me leve a mal, que Deus tome conta da alma dela...

— O que é que tem a minha filha?

— Deixou que o diabo se chegasse a ela. Faz tamanhos horrores que não há reza que dê jeito.

— Vá lendo, vá lendo! Não foi por acaso que ela pediu para chamá-lo. Ela, pobrezinha, se preocupou pela alma e quis expulsar com rezas qualquer pensamento mau.

— Como queira, *pan*; francamente não dá mais!

— Vá lendo, lendo! — continuou o chefe de esquadrão com a mesma voz de exortação. — Só lhe falta uma noite. Você faz uma obra cristã e eu lhe dou a recompensa.

— Por nenhuma recompensa desse mundo... Como você quiser, *pan*, ler eu não vou mais! — disse decidido Khomá.

— Olha aqui, filósofo — disse o chefe de esquadrão, e sua voz se tornou forte e ameaçadora —, não gosto dessas invenções. Você pode fazer isso lá entre os seus *bursaques*. Mas aqui comigo a coisa é diferente: as surras que eu dou não são as do reitor. Você sabe o que é um bom relho?

— Como não saber! — disse o filósofo, baixando a voz. — Qualquer um sabe o que é um relho: quando batem muito é um troço insuportável.

— É verdade. Só que você ainda não está a par de como a minha rapaziada sabe bater! — disse ameaçador o chefe de esquadrão, levantando-se da cadeira, e o seu rosto adquiriu uma expressão imperiosa e feroz, que revelava todo um temperamento insolente, que a dor só por instantes abrandava. — Aqui comigo se dá antes uma surra, depois se salpica vodca e se torna a bater. Por ir! Faça o seu trabalho! Se não fizer — não sai vivo; se fizer — ganha mil rublos ouro!

“Eh-eh! Sujeitinho atrevido — pensou saindo o filósofo. — Com esse aí nada de brincadeira. É, mas não tem nada, meu caro: eu vou fugir numa disparada que você com seus cachorros não vai me alcançar.”

E Khomá resolveu fugir sem falta. Aguardou apenas a hora seguida ao almoço, quando todos os servos tinham o costume de se enfiar no feno dos galpões e dormir de boca aberta, soltando um ronco e um assobio que faziam o pátio do *pan* parecer mais uma fábrica. E essa hora finalmente chegou. Até Iávtukh franzia os olhos, estirado ao sol. Apavorado e trêmulo o filósofo foi saindo devagarzinho para o jardim, de onde sua escapada para o campo lhe parecia mais cômoda e mais

escondida. Esse jardim sempre estava terrivelmente abandonado, logo contribuía ao máximo para qualquer empreendimento secreto. Exceto apenas um caminho aberto por questão de necessidade do trabalho, tudo o demais estava coberto por cerejeiras crescidas, sabugueiros e bardanas que projetavam acima das outras árvores os seus galhos altos com rosados cones agarradiços. O lúpulo, qual uma rede, cobria o copado de todo esse matizado conjunto de árvores e arbustos e formava sobre eles um telhado que se estendia sobre uma paliçada e dela descia, como cobras encaracoladas, junto com campânulas silvestres. Atrás da paliçada, que servia de limite do jardim, corria um verdadeiro bosque de mato, em que, parecia, ninguém tivera a curiosidade de penetrar e contra o qual a gadanha se partiria em pedaços se tentasse lhe tocar com a lâmina os talos grossos e duros como a madeira. Quando o filósofo quis pular a paliçada, seus dentes batiam e o coração pulsava tão forte que ele mesmo teve medo. A barra de sua longa veste parecia presa no chão, como se alguém a tivesse pregado com prego. Quando pulou a paliçada teve a impressão de que alguma voz lhe rangia no ouvido com um assobio ensurdecedor: “Aonde vai!... Aonde vai?” O filósofo deslizou pelo mato e se pôs a correr, tropeçando a cada instante nas raízes velhas e esmagando as touqueiras com os pés. Viu que, vencendo o matagal, bastava-lhe passar ao outro lado do campo de onde se via a mata de abrunheiros escuros e onde ele se considerava fora de perigo, depois da qual supunha achar o caminho que levava diretamente a Kíev. Passou num instante ao outro lado do campo e se viu no meio dos cerrados abrunheiros. Attavessou os abrunheiros, deixando com tributo pedaços da sua sobrecasaca em cada espinho, e viu-se num pequeno vale. Os galhos dos salgueiros se inclinavam em alguns lugares até o chão. Uma pequena fonte brilhava límpida como prata. O primeiro que o filósofo fez foi deitar-se e beber à vontade, porque sentia uma sede insuportável.

— Água boa! — disse ele, enxugando a boca. — Aqui dava para descansar.

— Não, o melhor é você continuar correndo: pode ser que haja perseguição!

Essas palavras lhe soaram aos ouvidos. Virou-se: diante dele estava Iávtukh.

“O diabo do Iávtukh! — pensou irritado o filósofo — Te agarraria pelas pernas... Pegaria um toro de roble e arrebitaria teu focinho asqueroso e todo o resto.”

— Foi inútil você dar toda essa volta — continuou Iávtukh —, era muito melhor pegar aquele caminho por onde eu vim: passa na frente da cocheira. E além disso sua sobreca-saca dá pena. E é de um bom pano. Quanto lhe custou o metro? Bem, já passeamos bastante: já está na hora de voltar.

O filósofo saiu atrás de Iávtukh, coçando-se. “Agora a maldita bruxa vai me fazer pagar o pato! — pensou ele. — Ora, que diabo é que eu tenho? Por que hei de ter medo? Afinal eu sou ou não cossaco? Ora, se já li duas noites, Deus ajudará a ler a terceira. Pelo visto a maldita bruxa cometeu um bocado de pecado para o espírito mau se bater tanto por ela.” Estava tomado dessas meditações quando entrou no pátio do *pan*. Animando-se com essas observações, pediu a Dóroch (que graças à amizade do despenseiro tinha às vezes acesso à adega) para trazer um garrafão de vodca e, sentados no galpão, os dois amigos beberam pelo menos meio balde, de sorte que o filósofo de repente se levantou e gritou: “Músicos! Tragam sem falta os músicos!” — e, sem esperar pelos músicos, começou a sapatear o *trepak* no meio do pátio, num lugar limpo. Dançou até a hora do lanche, quando os servos que o haviam cercado numa roda, como é de praxe nesses casos, acabaram abandonando a mão e dando o fora, dizendo: “Como é que pode passar tanto tempo dançando!” Por fim o filósofo dormiu ali mesmo, e uma boa tina de água fria conseguiu acordá-lo apenas para o jantar. Enquanto jantava falava do que era ser cossaco e dizia que ele não devia ter medo de nada no mundo.

— Está na hora — disse Iávtukh —, vamos.

— “Era bom que te metessem um fósforo na língua, porco maldito!” — pensou o filósofo e disse, levantando-se:

— Vamos.

Quando ia pelo caminho, o filósofo não parava de olhar para os lados e articulava breves conversas com os seus acompanhantes. Mas Iávtukh permanecia calado; o próprio Dóroch não era de conversar. A noite estava tenebrosa. Ao longe uiva-

va um verdadeiro bando de lobos. E o próprio latido dos cães tinha alguma coisa de terrível.

— Parece que há outra coisa uivando: isso não é lobo — disse Dóroch. Iávtukh não dizia nada. O filósofo não achou nada para dizer.

Aproximaram-se da igreja e entraram por baixo de suas velhíssimas abóbadas de madeira, que mostravam o quanto o dono da fazenda se preocupava pouco com Deus e com a sua alma. Como antes, Iávtukh e Dóroch se foram e o filósofo ficou só. Tudo era como antes. Tudo continuava com o mesmo aspecto temivelmente conhecido. Ele parou um instante. No meio da igreja continuava do mesmo jeito imóvel o caixão da horrível bruxa: “Não vou ter medo, juro que não vou ter medo!” — disse ele e, traçando ao seu redor o círculo de sempre, começou a recordar todos os seus exorcismos. O silêncio era de apavorar: as velas tremeluziam e banhavam de luz toda a igreja. O filósofo virou uma folha, depois outra, e percebeu que não estava lendo nada do que havia escrito no livro. Tomado de pavor ele se benzeu e começou a cantar. Isso o animou um pouco: a leitura se tornou fácil e as folhas voavam uma após a outra. De repente... em meio ao silêncio, a tampa de ferro do ataúde deu um estalo e se abriu, e a morta se levantou. Estava ainda horrorosa do que na primeira vez. Seus dentes rangiam terríveis, os lábios se agitavam convulsivamente e em guinchos horrendos partiram os conjuros. Um vendaval sacudiu a igreja, os ícones caíram ao chão, voaram de cima para baixo os vidros quebrados das janelas. As portas saltaram das suas dobradiças e uma turba de monstros irrompeu no templo de Deus. Um horripilante ruído de asas e rangido de unhas tomou conta de toda a igreja. Tudo voava e se precipitava à procura do filósofo.

Os últimos efeitos da embriaguez desapareceram da cabeça de Khomá. Ele apenas se benzia e rezava como podia as suas orações, ouvindo ao mesmo tempo como os espíritos malignos voavam ao seu redor, quase roçando nele as pontas das asas e dos repugnantes rabos. Não tinha coragem de olhar para eles; via apenas que em toda a parte havia um enorme monstro envolto em seu cabelos desgrenhados como se estivesse metido num bosque; por dentro do emaranhado de cabelos olha-



vam dois horrendos olhos sob cílios um pouco levantados. Sobre ele pairava no ar uma coisa parecida com uma enorme bola, com milhares de tentáculos estendidos e agulhões de escorpião. Grandes pedaços de terra negra apareciam sobre eles. Todos olhavam para o filósofo, procuravam-no e não podiam vê-lo cercado pelo seu círculo misterioso. “Tragam Víy! Vão atrás de Víy!”, soaram as palavras da morta. E de repente se fez silêncio na igreja; ouviu-se ao longe o uivo dos lobos e logo em seguida passos pesados ecoaram na igreja; olhou de esguelha e viu que conduziam um estranho homem atarracado, forçado e zambro, todo envolto em terra negra. Como raízes nodosas e duras, seus pés e suas mãos também apareciam salpicados de terra. Caminhava pesado e tropeçava a cada passo. Suas longas pálpebras arrastavam no chão. Cheio de pavor, Khomá percebeu que o rosto dele era de ferro. Conduziam-no pelos braços e o colocaram justamente junto ao lugar em que estava Khomá.

— Levantem-me as pálpebras: eu não enxergo! — disse Víy com voz de que vinha das profundezas da terra — e toda a multidão se precipitou a levantar-lhe as pálpebras. “Não olhem” — disse alguma voz interior ao filósofo. Não se conteve e olhou.

— Aqui está ele! — gritou Víy, apontando para o filósofo com seu dedo de ferro. E todos os que ali estavam se atiraram sobre o filósofo. Sem vida ele despencou no chão e no mesmo instante sua alma o deixou, apavorada. Ouviu-se o cantar do galo. Já era o segundo grito; o primeiro os gnomos não tinham ouvido. Amedrontados, os espíritos correram como puderam para janelas e portas a fim de voar dali o mais depressa, porém não foi possível: acabaram ficando presos nas portas e janelas. Quando o padre chegou ficou parado ao ver tamanha profanação do sagrado recinto de Deus e não ousou celebrar a cerimônia fúnebre num lugar daquele. Assim ficou a igreja para sempre, com os monstros presos nas portas e janelas; foi coberta por um bosque, raízes, ervas daninhas e abrunheiros silvestres e hoje ninguém é capaz de achar o caminho que vai até lá.

Quando esses rumores chegaram a Kíev e o teólogo Kha-liava ouviu finalmente falar da sorte do filósofo Khomá, ficou

uma hora inteira em meditação. Durante aquele período grandes mudanças se deram em sua vida. A felicidade lhe sortiu: ao concluir o curso de ciências foi nomeado sineiro do mais alto companário, e ele quase sempre aparecia de nariz quebrado, porque a escada de madeira do companário tinha sido construída de maneira extremamente desordenada.

— Você ouviu falar no que aconteceu com Khomá? — perguntou, aproximando-se dele Tiberi Górobiets, que na ocasião já era filósofo e começava a usar bigode.

Assim Deus o destinou — disse o sineiro Khaliava. — Vamos à taberna beber pela alma dele!

O jovem filósofo, que com ardor entusiástico começava a gozar dos seus direitos, de maneira que suas bombachas, sua sobrecasaca e inclusive seu gorro cheiravam a álcool e a peles de fumo, concordou no mesmo instante.

— Grande sujeito era o Khomá! — disse o sineiro, quando o taberneiro coxo pôs diante deles a terceira caneca. — Era um homem nobre! E morreu por nada.

— Mas eu sei porque ele morreu: morreu porque teve medo. Se não tivesse medo a bruxa não poderia fazer nada contra ele. Basta apenas se benzer, cuspir no rabo dela e nada acontece. Todas essas coisas eu já sei. Porque aqui em Kíev todas as mulheres que vendem no mercado são bruxas.

Nisto o sineiro balançou a cabeça em sinal de aprovação. Mas, percebendo que sua língua não podia pronunciar uma só palavra, levantou-se cuidadosamente da mesa e saiu cambaleando, indo se esconder no lugar mais distante dentro do matagal. Mas, segundo seu velho costume, não se esqueceu de afanar uma velha sola de bota que haviam largado num banco.